

Crítica // Sirât ★★★★★

Uma pista de dança para a solidariedade

Ricardo Daehn

Uma forte consciência da materialidade do som, numa paisagem em que a consistência visual cede espaço para o alcance de uma sensibilidade apoiada por camadas sonoras: tudo isso habita o drama Sirât, filme na disputa no Oscar, destacado na categoria de longa internacional. Publicamente, o diretor do filme Oliver Laxe acentuou o vínculo da sinopse com a chamada tanatofobia, o tal medo da morte ou do processo do fim da vida. Vulneráveis, personagens tentam se reconectar com um passado que parece ter diluído, e que, aparentemente, pouco diz respeito ao presente deles.

Candidato ao Oscar de melhor filme internacional, Sirât trata das lacunas de um possível reencontro entre familiares ligados pelas trilhas de festas rave

Filmada ao sul do Marrocos, numa jornada Saara adentro, a produção reafirma o cinema de Laxe como explorador de rincões diferenciados como antes registrado no cinema em que captou imagens da Serra dos Ancares e da cordilheira do Atlas.

Caminhões, carros, caminhonetes e um deserto a ser vencido. Não bastaria um grupo com alma gitana para dimensionar as barreiras geográficas a serem vencidas no longa. Alternando fluidez da estrada e a falta dela, os protagonistas são Luis (Sergi López) e o filho dele Esteban (Brúno Nuñez) — ambos empenhados no resgate de Mar (a filha de Luis), sumida há cinco meses na rota das ravens distribuídas pelo deserto. Quando o espectador se liberta da familiaridade à la Mad Max de algumas imagens, ele começa a despertar para identidade de Laxe junto ao consagrado Michelangelo

Antonioni (morto há quase 20 anos) e que cunhou clássicos como *Zabriskie Point* (1970), *A aventura* (1960) e ainda *Profissão: Repórter* (1975).

Integrados a um comboio, pai e filho tentam ultrapassar as barreiras de um mundo que desconhecem, mas, gradualmente, tal qual em *A aventura*, o sumiço da personagem Mar vai esmaecendo e por consequência alterando propósitos de Luis e Esteban. Sirât designa a ponte que liga o inferno ao paraíso. Feridas e a vulnerabilidade de pai e filho, forçosamente, serão demarcadas.

Ao lado de completos desconhecidos, entre os quais Josh (Joshua Liam Henderson), Bigui

(Richard Bellamy), Stef (Stefania Gadda) e Jade (Jade Oukid), a dupla sai da perspectiva de interagir com formiguinhas, e nota sutilezas e individualidades, avançando num espaço antes percebido como operante para uma massa indiferenciada.

A perdição adquire um sentido amplo e, a cada incerto passo, Luis, em especial, depois de confrontar a realidade de militares e abraçar noções fronteiriças, vai caminhando rumo a uma dolorosa libertação. A visão bastante egoísta se dissolverá e, num rigoroso tempo, vai reaprender a compartilhar e, relutante, perceber um atravessamento inesperado: o da solidariedade.

Sirât: candidato a melhor filme internacional, ao lado de *O agente secreto*

RETRATO FILMES

